

Para Academia das Ciências de Lisboa

Dia da Língua Portuguesa

5 de Maio de 2026

LÍNGUA DE MAR

1.

É para mim motivo de alegria ter sido convocada, pelo Vice-Presidente da Academia das Ciências de Lisboa, para dizer umas palavras no Dia Mundial da Língua Portuguesa.

Sobre a Língua Portuguesa, a nossa Língua, raramente digo que a amo. Ela é-me tão inerente à existência no uso que dela faço, que se transformou na essência da minha própria vida. Só de vez em quando a encaro como se fosse uma entidade exterior e me regozijo por ser uma sua falante. Hoje é um dia desses. Um dia em que a olho de frente e digo – Amo a minha língua antes de todas as outras. Amo-a e distingo-a.

Porque há línguas que são de terra, são continentais, e há línguas de montanha, há línguas de floresta, há línguas de pradaria e de pampa, e há línguas de neve e de gelo, e há línguas de areia e de deserto, e há línguas que são marítimas. O português é uma Língua de Mar.

2.

Aqui há um tempo, durante uma sessão no King's College, pediram-me que escolhesse uma frase que resumisse a essência da Língua Portuguesa e que o dissesse em português. Apanhada de surpresa, num primeiro momento, não encontrei resposta. Passaram-me pela cabeça Mendinho, Camões, Fernão Mendes Pinto, Pessanha e Pessoa mas não encontrava em nenhum a síntese que correspondesse à proeza que me era exigida. De súbito surgiu-me a resposta, clara e nítida. Eram quatro versos de um fado de Amália Rodrigues. Os célebres quatro versos que dizem assim - *Eu tinha um coração, perdeu-o/ Mas sei que o vou encontrar/ Preso no lodo do rio/ Ou ancorado no mar.*

O tempo tem passado, e eu já poderia ter formulado uma nova síntese, mas é ainda a ela que regresso, de parceria com a epígrafe tomada de Vergílio Ferreira, aquela frase de um discurso proferido na Europália, que por mais que se repita nunca nos sentiremos cansados de a dizer – *Da minha língua vê-se o mar.* Em meu entender, completam-se. Vergílio contempla o mar como um observador. Amália entre no mar como uma amante. O Português é uma língua de reflexão, o Português é uma língua de amor. Suave e lírica, saudosa e arcaica, marítima do tempo das velas de pano antigo, tem de pedir emprestadas às outras línguas as expressões da sua modernidade. Não importa.

Linguistas, estudiosos e filósofos da linguagem têm identificado um acervo precioso no que respeita à base

lexical que determina a raiz marítima do nosso idioma. Eu não domino esse campo de conhecimento, o das raízes semânticas, mas avalio o percurso atlântico e índico que nela existe enquanto uma língua de distância que contém dentro de si os elementos de união que nos distinguem como gente de diáspora e de lonjura. Porque atrás de cada língua existe um percurso histórico, distinto, próprio de cada nação.

Todos sabemos que as línguas se impõem umas às outras por actos de dominação. A Língua Portuguesa é o rosto vivo de um império, com seu significado positivo e negativo, mas agora, ao iniciar-se o segundo quartel do século XXI, neste momento em que nos encontramos, ela é um elo de união extraordinário que se estabelece entre milhões. A verdade é que do nosso léxico ainda estamos muito longe de banir a palavra espada, mas ela, a língua tornada comum, apesar desse fio de metal afiado, sempre foi servindo a uns e a outros. Ela sempre se ofereceu ao uso de todos, tanto do dominador quanto do dominado. Usando-a, os submissos se fizeram insubmissos, e os insubmissos se fizeram autónomos. Usaram-na para falar da sua dor, da sua revolta, para alcançar a sua autonomia, a sua independência, e passado tempo usamo-la agora para nos aproximarmos uns dos outros. Hoje, criamos em conjunto uma comunidade distinta que faz frente à uniformização linguística, antecâmara da uniformização cultural, o patamar imediatamente anterior à tentativa de dominação global. A nossa língua tem, pois, a marca do nosso passado de dominação, submissão, ressentimento, e

também a marca da contricção e do acolhimento, da parceria e de tudo o mais, o compósito heterogéneo que conhecemos no dia-a-dia nas nossas pátrias.

3.

Hoje, a nossa língua dispõe de todos os verbos, todos os substantivos e toda a adjectivação, suficiente e necessária, para nos sentarmos em torno da grande mesa pluricontinental e nos alegrarmos por, em tempos de Guerra e de Discórdia, sermos um projecto de Paz. Naquele dia, em Londres, perante o desafio de ter de encontrar palavras que fossem síntese da nossa língua, socorri-me da letra de um fado português. Outros falantes da Língua Portuguesa, talvez se tivessem lembrado antes da letra de um samba, bossa-nova, ou uma morna, uma rebita, talvez uma marrabenta ou o ritmo de uma tebedai de Timor Leste. Não aconteceu. Em vez delas iria, mais tarde, evocar uma canção *rap* do Boss A.C., o cantor cabo-verdiano que a si mesmo por aquela altura se intitulava de Tuga, com orgulho. O título era *Faz favor de entrar ou Tuga Night*. Nela, o Tuga da Noite confessava a sua preferência pela língua portuguesa, em detrimento de outros idiomas que bem lhe poderiam abrir as portas de um maior sucesso. Boss A. C. cantava como se a língua portuguesa fosse uma casa de acolhimento.

Passo a reproduzir as palavras do Tuga Night:

Falso aqui não é ninguém, só entra quem vem por bem.

*A festa é nossa, não é preciso cartão da casa.
Se vens com preconceito, yo, baza, baza
Poucos entendem o plano, rap veterano
Ouves umas dicas em inglês, mas não sou americano.
Chamo-me Tuga- Verdiano.
Mano, ist'é hiphop lusitano
Esquece o bling-bling que ele aqui não brilha
Deportamos mafiosos de volta pá Sicília...
Aquecemos o ambiente cause we hot like that
Don't hate because I'm Tuga like that...*

“Não me odeiem por eu ser um tuga assim”, diz Boss A. C. em inglês.

Aliás, este é o pedido que, por direito próprio, podemos formular em nossa língua nos estranhos dias que passam – Não se roubem, não se odeiem, não se matem, não fechem a porta a quem vier por bem. O título da canção do Tuga Night era precisamente esse – *Faz favor de entrar*. Por isso a escolhi há dez anos. Por isso volto a escolhê-la de novo, agora que a nossa língua precisa de sublinhar a força colectiva que nos promete um futuro próspero em união. Muita coisa nos falta nos países que a falam, a começar por Portugal, mas pelo menos temos uma língua que na sua vasta etimologia plural, abraça o Mundo.

E hoje, 5 de Maio, estamos em festa, porque é o dia em que o celebramos.

Muito obrigada.

Lídia Jorge.